

O quarto - Stéfan Adam

O quarto era escuro, com apenas uma janela basculante, inclinada, era o que denunciava o telhado. Não havia muito espaço, o chão era tomado de jornal e caixas de papelão. O cheiro de mijo era misturado com o de mofo. A cama de ferro ficava no canto mais escuro e estava parafusada no chão. Ela não possuía colchão, para dormir era usado mais jornal com papelão. No outro canto havia um pequeno buraco escuro que parecia dar em lugar nenhum, e que era por onde poderia fazer as suas necessidades. Tentava manter a sanidade naquele ambiente opressor, mas a cada hora que passava ficava mais difícil. A comida era entregue apenas uma vez ao dia, geralmente pão e queijo junto com um copo de água suja. Tinha sorte quando o pão era só velho, e não mofado. O queijo era sempre mofado mesmo. No começo seu estômago reclamava e ficava horas se equilibrando no buraco no canto do quarto. Usava o jornal que estava acumulado ali para se limpar, evitando ao máximo não sujar as mãos, pois não teria como limpá-las se tocasse em suas fezes.

Mesmo com todo o cuidado para com suas fezes, não conseguia controlar sua urina. Quando dormia, por algum motivo, em muitas noites acabava tendo incontinência urinária, o que o fazia ter que tentar trocar os jornais de sua cama constantemente. Até tentaria dormir sem sua calça, mas era tão frio que o mijo até confortava. Isso fazia ter assaduras terríveis na virilha, mas já havia algum tempo que estava acostumado a conviver com aquilo.

Perdera a noção do tempo, e não tinha ideia do porquê estava ali. No começo, gritava para quem quer que deixasse a comida, que era entregue por uma pequena portinhola na parte de baixo da porta. Tentara muitas vezes pegar alguma mão que porventura aparecesse, mas a comida era apenas jogada, e quando tentava olhar pela abertura só via escuridão. Era como se nada houvesse ali. Também nunca ouvia passo nenhum, nunca ouvia barulho nenhum. Era como se o mundo estivesse morto lá fora. Pela janela, não era possível ver nada, já que o vidro era pintado pela parte de fora com alguma tinta preta. Isso fazia passar muita pouca claridade durante o dia. Já tentara quebrar o vidro várias vezes com as mãos, mas era muito rígido e apenas ganhou dois dedos quebrados.

Muitos dias, ou meses, se passaram. Não havia rotina e também não havia nada para fazer. No começo, a raiva dominou sua mente, trazendo junto uma loucura que fazia seus pensamentos não terem mais sentido. A resignação demorou a aparecer, mas quando seu corpo finalmente ficou cansado e fraco demais, ela começou a surgir.

Passava o dia em sua cama dura, em uma posição que era uma tentativa de sentar-se com as pernas cruzadas. Levantava-se apenas para comer e fazer suas necessidades. Sua resignação foi trazendo mais tranquilidade para a mente, que começou a meditar. No começo por alguns minutos, que se tornaram horas, até passar o dia inteiro meditando.

Por fim ficou em transe profundo, perdera a noção do tempo, perdera a noção de quem era, não estava mais em um quarto fedorento, estava em todos e em nenhum lugar. Não foi mais pegar comida ou fazer suas necessidades, nenhum pensamento dominava a sua mente, estava em paz. Muitos e muitos dias se passaram assim até chegar à sua plenitude absoluta. Abriu os olhos, a porta estava aberta.